



Contribuição da mimese no delineamento de um estudo narrativo: o pensamento ricoeuriano para entender a prática organizacional

José de Arimatéia Dias Valadão (Universidade Federal de Pernambuco) arimateiavaladao@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho procura delinear um processo de pesquisa a partir do pensamento ricoeuriano. A hermenêutica desenvolvida por Ricoeur se configura por meio da compreensão. Sua reflexão é um esforço permanente para envolver as diversas dimensões do ser humano na sua totalidade, sem nunca perder de vista a perspectiva concreta, ou seja, **o ser não poder realizar-se à margem das suas condições históricas e culturais**. As ideias de Ricoeur assim, para compreender a 'prática' organizacional, tornam-se um ponto de partida metodológico relevante para os estudos em Administração. Baseado em seus argumentos surgiram os seguintes questionamentos: como as ideias ricoeurianas podem contribuir para um delineamento de uma narrativa organizacional? Como uma interpretação da prática organizacional pode ser construída a partir da construção de texto por meio do processo mimético proposto por Ricoeur? Como as técnicas usuais de coletas de dados podem ser estruturadas no contínuo da análise ricoeuriana? Para isso, o artigo foi desenvolvido em três momentos. O primeiro momento discutiu como é possível construir um delineamento metodológico por meio das ideias de Ricoeur. O segundo procurou mostrar uma possibilidade de interpretação a partir do delineamento construído e o terceiro momento procurou mostrar como a coleta e análise de dados pode ser conduzida nesse processo de pesquisa. Esse processo resultou em uma proposição de delineamento de pesquisa, mas mais que isso, provocou a possibilidade de considerar com mais atenção a hermenêutica e, sobretudo, a hermenêutica de Ricoeur, fazendo do texto e sua construção, um processo de instrumentalização das narrativas organizacionais.

Palavras-Chave: Mimese, Prática, Texto, Organização, Hermenêutica.

Contribution of mimesis in the design of a study narrative: thought ricoeuriano to understand organizational practice

Abstract

This paper seeks to outline a research process from thought ricoeuriano. The hermeneutics developed by Ricoeur is configured through understanding. His reflection is an ongoing effort to involve the various dimensions of human beings in their entirety, without ever losing sight of the concrete perspective, i.e., it cannot be held alongside its historical and cultural conditions. Ricoeur's ideas as well, to understand the 'practice' organizational, become a starting point for the relevant methodological studies in Business Administration. Based on his arguments appeared the following questions: how ideas ricoeurianas can contribute to a design of an organizational narrative? As an interpretation of organizational practice can be built from the construction of text through the mimetic process proposed by Ricoeur? As usual techniques of data collection can be structured in the continuous analysis ricoeuriana? For this, the article was developed in three stages. The first time discussed how you can build a methodological design through the ideas of Ricoeur. The second sought

to show a possibility of interpretation based on the design and built the third time sought to show how the collection and analysis can be conducted in the research process. This process resulted in a proposal of research design, but more than that provoked the possibility to consider more carefully the hermeneutics and, above all, the hermeneutics of Ricoeur, making the text and its construction, a process of instrumentalization of organizational narratives.

Key-words: Mimesis, Practice, Text, Organization, Hermeneutics.

1 Introdução

Nas ciências sociais aplicadas, para conceber um conhecimento válido diante das diferentes formas de relações sociais exige, como disse Paiva Jr., Leão e Mello (2007, p. 9) “uma contínua reinterpretação sociocultural e histórica do sentido de sua ação na sociedade”. A melhor forma de conhecer não se apresenta naturalmente e a busca por melhores formatos para os diferentes problemas que se apresentam nas pesquisas qualitativas desafia continuamente os pesquisadores e acima de tudo, os iniciantes da pesquisa.

Nos estudos organizacionais, o pesquisador age, e se engaja, a partir de sua ciência. Pesquisando, o cientista social pode então refletir sobre a realidade social empenhado em sua transformação ou refletir assegurando a manutenção da prática e da conjuntura social em que se insere. É nessa dualidade entre um refletir originado de *reflexão sobre* e de *refletir a* que age o cientista social (CAMARA; LOVISON, 2007).

Dessa reflexão nasce a interpretação como eixo central das pesquisas nas ciências sociais. Como disse Hatch e Yanow (2005, p. 79), “não há dúvida de que as ciências interpretativas também são ciências [...] e que as perspectivas interpretativas oferecem maneiras metódicas e sistemáticas de construir conhecimento”. A hermenêutica na pesquisa é um caminho que tem sido percorrido desde Dilthey e Weber e que tem dado conta de explicar e compreender a prática ocorrida nas organizações.

A hermenêutica, desde aquela desenvolvida por Saussure à praticada por Ricoeur, envolve-se com a interpretação e entendimento dos produtos da mente humana que caracterizam o mundo social e cultural. Ontologicamente, como disse Burrell e Morgan (1979), seus proponentes adotam uma visão 'idealista objetiva' do ambiente sociocultural, vendo este como um fenômeno humanamente constituído. Os seres humanos no curso de vidas externalizam os processos internos de suas mentes por meio da criação de artefatos culturais que ganham um caráter objetivo. Instituições e organizações são exemplos deste processo de objetificação. Tais objetificações da mente humana são temas de estudo na hermenêutica.

Para Ricoeur, um dos mais significativos filósofos do século XX, a hermenêutica se configura por meio da compreensão. Sem dúvida, como disse Tavares (2006), que a **principal preocupação de Ricoeur consiste na compreensão dos fenômenos humanos;** por isso, a sua reflexão é um esforço permanente para envolver as diversas dimensões do ser humano na sua totalidade, sem nunca perder de vista a perspectiva concreta, ou seja, o ser não poder realizar-se à margem das suas condições históricas e culturais. As ideias de Ricoeur, assim, para compreender a ‘prática’ (CZARNIAWSKA, 2008) organizacional, tornam-se um ponto de partida metodológico relevante para os estudos em Administração.

Para esse delineamento metodológico, é necessário conceber a narrativa como via natural da interpretação. **O processo hermenêutico é realizado por meio de narrativas** (CZARNIAWSKA, 1998). A narração permite a compreensão da prática organizacional numa dimensão temporal, isto é, histórica, mas, mais que isso, permite a compreensão da própria organização e de sua historicidade. Para isso é necessário tratar **organização** como Misoczky e Imasato (2005) trataram, como uma **construção discursiva**.

Desse modo, a localização da linguagem não apenas é central para os estudos organizacionais, mas está indivisivelmente conectada com a própria concepção de organização e, é claro, no próprio processo de teorizar sobre organizações (MISOCZKY; IMASATO, 2005). Com isso “corresponde a hermenêutica explorar as implicações que tem o tornar-se texto para a tarefa interpretativa” (RICOEUR, 2000, p. 204, tradução nossa) e proporcionar compreensão aos diversos contextos em que os estudos organizacionais estão inseridos. Esses contextos, para Czarniawska (1998), são recheados de práticas, histórias e outros aspectos que são organizados pelas próprias narrativas.

Na perspectiva ricoeuriana, em que **existir é ser interpretado** (Ricoeur, 2006), “a hermenêutica não é só um trabalho de procura e apropriação do sentido dos textos, dos símbolos ou da ação, na dimensão temporal de uma narrativa, mas, sobretudo, um trabalho de compreensão de nós próprios e do mundo em que vivemos” (FONSECA, 2009, p. 6). Ricoeur (1994) propõe um **processo mimético** para contribuir nesse processo de interpretação e compreensão por meio dos textos que revelam os diferentes discursos, nesse caso, naqueles envolvidos nas práticas organizacionais.

A mimese refere-se à transformação de mundos (originalmente, por exemplo, em Aristóteles, naturais) **em mundos simbólicos**. Em um primeiro momento, foi entendida como a “imitação da natureza”; ela foi pensada para realizar a apresentação das relações naturais ou sociais em textos e se caracteriza no ato de produção de um mundo simbólico que envolve tantos elementos práticos como teóricos (FLICK, 2009). Ela se torna possível pois, “[...] é construindo a relação entre os modos miméticos que constitui a mediação entre o tempo e narrativa (RICOEUR, 1994, p. 87). E o tempo narrado é que dá vida a organização.

Dessa forma, não há como não suscitar as perguntas: como as ideias ricoeurianas podem contribuir para um delineamento de uma narrativa organizacional? Como uma interpretação da prática organizacional pode ser construída a partir da construção de texto por meio do processo mimético proposto por Ricoeur? Como as técnicas usuais de coletas de dados podem ser estruturadas no contínuo da análise ricoeuriana? O presente trabalho procura trabalhar com essas questões e propor um formato de delineamento de pesquisa, pressupondo a organização “como uma construção discursiva, e o texto, como um processo em que os significados são emergentes, renegociados, dispersados” (MISOCZKY; IMASATO, 2005, p. 77) em sua construção.

O artigo está dividido em três momentos. Cada uma das três questões levantadas anteriormente sugere um momento de discussão e representa uma parte da proposição de sugerir o pensamento hermenêutico ricoeuriano para estudar as práticas organizacional. O primeiro momento discute como é possível construir um delineamento metodológico por meio das ideias de Ricoeur. O segundo procura mostrar uma possibilidade de análise a partir do delineamento construído e o terceiro momento procura mostrar como a coleta e análise de dados pode ser conduzida nesse processo de pesquisa.

2 I Momento

O primeiro momento dessa discussão procura sugerir uma resposta para a pergunta: como as ideias ricoeurianas podem contribuir para um delineamento de uma narrativa organizacional? Para isso é discutido sobre o tempo e a narrativa para a construção de práticas organizacionais, como se dá a compreensão entre a mimese e o texto, como o texto é construído nas narrativas organizacional e sugere um itinerário mimético de construção de texto para concretizar um processo de pesquisa.

2.1 O Tempo e a Narrativa para Construção de Práticas Organizacionais

Inicialmente, é relevante considerar que um estudo desenvolvido na perspectiva ricoeuriana possibilita historicamente (temporalmente) e narrativamente textualizar a experiência prática de uma organização, pois “[...] *o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal*” (RICOEUR, 1994, p. 85, grifo do autor).

Desse modo, há que considerar no desenvolvimento de uma pesquisa, que as práticas da organização e como elas se desenvolvem temporalmente, estão expressas no texto a partir da narrativa. É pertinente considerar inicialmente as etapas do desenvolvimento da pesquisa narrativa (CRESWELL, 2007b), não como um caminho a ser seguido, mas como guias que orientam as relações e proporcionam consistência ao processo hermenêutico nas etapas de mediação mimética adotadas. Essas etapas são:

- ✓ Determinação da problemática de pesquisa e sua melhor forma de investigação;
- ✓ Seleção das experiências e histórias e suas múltiplas formas de evidenciar as narrativas;
- ✓ Formulação e reformulação da forma de coleta de informações e das formas de abordagens dos contextos e suas histórias;
- ✓ Escrita e reescrita das histórias e experiências narrativas;
- ✓ Análise, interpretação e manutenção das relações de fala e escrita em um processo hermenêutico;
- ✓ Texto estruturado e novos significados da realidade pesquisada.

Essas etapas são visivelmente construídas a partir da consideração do tempo organizacional, mas ao mesmo tempo assegura que esse tempo possa ser identificado por meio de narrativas. Como disse Pegino (2009, p. 4), “no discurso, uma ação singular acontece em um tempo singular, com uma intenção singular [...] e uma intensidade singular”, ou seja, em uma narrativa, os relatos, os textos, os discursos, são evidenciados por meio dos eventos, da história, dos materiais e outros aspectos que são simultaneamente assegurados pela concretude da organização. A organização materializa a relação tempo e narrativa ao mesmo tempo em que se torna evidente aos olhos do leitor (pesquisador). A Figura 1 mostra como a prática da organização pode ser evidenciada na relação tempo e narrativa.

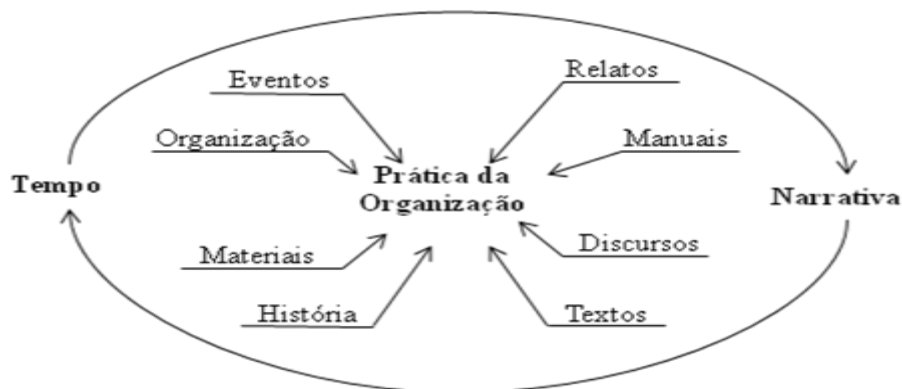


Figura 1 – O Tempo e Narrativa no Processo da Pesquisa.

Fonte: Elaborado pelo autor baseado em Ricoeur (1990, 1994).

Para Ricoeur (1994) é a partir desses dois campos (tempo e narrativa) que é possível construir os processos de mediação (mimese), já que “*seguimos, pois, o destino de um tempo preconfigurado em um tempo reconfigurado, pela mediação de um tempo configurado*” (RICOEUR, 1994, p. 87, grifo do autor). Essa consideração inicial torna-se importante pois, é na configuração do tempo que é possível preconfigurar e reconfigurar a narrativa da pesquisa

organizacional, sem entrar no círculo vicioso entre o ‘ato de narrar e o ato temporal’ e cair em tautologias insofismáveis.

2.2 A Compreensão entre a Mimese e o Texto

Nessa relação tempo e narrativa, a leitura e compreensão de texto tornam-se um processo ativo de construção da realidade. “Nessas construções, as relações pressupostas são traduzidas: a experiência cotidiana é traduzida em conhecimento por aqueles que estão sendo estudados, enquanto os relatos dessas experiências ou eventos e atividades são traduzidos em textos pelos pesquisadores” (FLICK, 2009, p. 86). De acordo com essa percepção de construção da realidade, o conhecimento cotidiano e as práticas advindas de sua aplicação constituem em versões de mundo que podem continuamente ganhar mais formalização e generalização. Flick (2009) mostra (Figura 2) como esse processo de compreensão e interpretação de textos pode se construído.



Figura 2 – Compreensão entre Construção e Interpretação.

Fonte: Flick (2009, p. 86).

A mimese possibilita contribuir hermeneuticamente nessa representação do tempo e narrativa na compreensão dos diferentes discursos da organização. O pressuposto é que o manuseio de processos miméticos poderá possibilitar aproximações entre o fato, o texto e a interpretação do leitor, estabelecendo uma “condição necessária da compreensão” (GEBAUER; WULF, *apud* FLICK, 2009). Vale ressaltar que não se pretende entrar nas discussões sobre mimese e convenções (FRIGG; HUNTER, 2010) por entender que mimese e convenção tem sido considerados não apenas como diferentes maneiras de representar alvos naturais, mas como estratégias opostas que estão mais separadas pelos comprometimentos intelectuais aos quais os pesquisadores estão envolvidos, do que necessariamente pela oposição entre suas definições teóricas. Ao pensar na mediação mimética em um delineamento de pesquisa está se buscando uma maneira de ir além (FRIGG; HUNTER, 2010) dessas relações e repensar a representação conjuntamente, por diferentes vias de abordagens, não excludentes, mas complementares.

A sistematicidade dada pelo processo da mimese pode contribuir também para uma maior validade e confiabilidade na pesquisa. Do mesmo modo, a própria mimese tem a função de contribuir para uma mediação (mesmo que imperfeita) entre os níveis temporais reconhecidos pelos processos hermenêuticos (RICOEUR, 1990) e proporcionar uma configuração da temporalidade da pesquisa e da produção do conhecimento, “numa articulação de duas dimensões narrativas: a episódica – que dispõe cronologicamente a série de acontecimentos –

e a configurante – que retira uma totalidade com sentido daqueles episódios soltos” (ALBERGARIA, 2009, p. 12).

A compreensão por meio da mimese pode advir do processo em que a hermenêutica envolvida na construção e interpretação do texto preocupa-se com a reconstrução de todo o arco de operações por meio do qual a experiência prática arranja-se, partindo da *mimese*₁ para a *mimese*₃, por meio da *mimese*₂ (RICOEUR, 1994). Isso pode ser assegurado, já que no entendimento de Flick (2009), para os processos miméticos na construção e interpretação de textos nas ciências sociais, as considerações de Ricoeur oferecem um ponto de partida positivo. Flick compõe uma representação clara do processo mimético proposto por Ricoeur (Figura 3).



Figura 3 – Processo da Mimese.

Fonte: Flick (2009, p. 88).

Nas próprias palavras de Ricoeur (1994, p. 86-87), a hermenêutica

[...] preocupa-se em reconstruir o arco inteiro das operações pelas quais a experiência prática se dá: obras, autores e leitores. Ela não se limita a colocar *mimese* II entre *mimese* I e *mimese* III. Ela quer caracterizar *mimese* II por sua função de mediação. O desafio é pois o processo concreto pelo qual a configuração textual faz a mediação entre a prefiguração do campo prático e sua reconfiguração pela recepção da obra. [...] o leitor é o operador por excelência que assume, por seu fazer – a ação de ler – a unidade do percurso de *mimese* I a *mimese* III por meio da *mimese* II.

Na leitura de Carvalho (2010), partindo de um mundo pré-configurado, a *mimese* I representa mais concretamente as dimensões éticas, o mundo social em sua complexidade. Já a *mimese* II é o ato de configuração, a presença marcante de um narrador, mas também a mediação entre *mimese* I e *mimese* III, que corresponde à reconfiguração, momento que marca a presença ativa do leitor.

2.3 A Construção do Texto na Narrativa Organizacional

Não há como desconsiderar nessa perspectiva o entendimento de que “a construção da realidade e a utilização de textos como material empírico constituem aspectos comuns da pesquisa qualitativa” (FLICK, 2009, p. 83), de modo mais específico, “o texto tende intencionalmente abrir o horizonte de uma nova realidade a que chamamos de mundo. Este mundo do texto intervém no mundo da ação para configurá-lo ou, ousado dizer, transfigurá-lo” (RICOEUR, 2000, p. 199, tradução nossa).

É no texto que ambas [ontologia e epistemologia] se articulam de forma privilegiada, pois, embora a linguagem seja o lugar da articulação sistemática de sinais [...] e isso se dê autonomamente, é pelo discurso que se desenvolve tal articulação, o que indica que a linguagem não é fim a si mesma, mas organização de mensagens – as quais exprimem compreensões (Albertini, 2005, p. 43).

Para a construção metodológica nessa perspectiva o texto servirá, assim, a três finalidades, conforme enumerado por Flick (2009): representar não apenas os dados essenciais nos quais as descobertas se baseiam, mas também servir de base para as interpretações e ser o meio central para representação e comunicação dos achados. Isso ressalta a importância de usar uma perspectiva hermenêutica já que a hermenêutica “[...] faz da textualização do mundo um programa” (FLICK, 2009, p. 83-84), proporcionando *insights* no processo de compreensão do mundo vivido da organização pesquisada.

Para Ricoeur (1990), o processo hermenêutico na construção de um texto, deve basear-se em torno dos seguintes temas: na efetuação da linguagem em discurso; na efetuação do discurso em obra estruturada; na relação da fala e da escrita no discurso e nas obras do discurso; na obra e no discurso como projeção de mundo; e no discurso e na obra como mediação da compreensão em si. A fala e a escrita constituem a base para formação da relação entre a linguagem, a obra e o discurso, e na compreensão do mundo estudado. A Figura 4 ilustra essa relação.

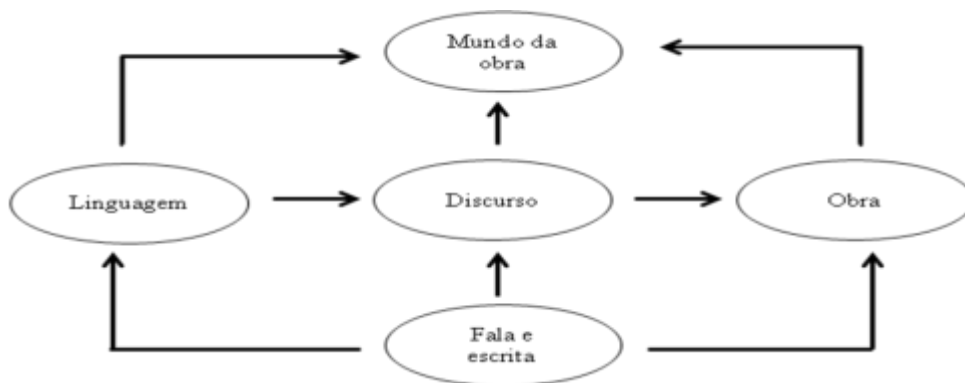


Figura 4 – O Processo de Produção do Texto.

Fonte: Elaborado pelo autor baseado em Ricoeur (1990, 1994, 2004a, 2004b).

Como visualizado na figura 2, não é a escrita enquanto tal que suscita um problema hermenêutico, mas a dialética da fala e da escrita que, em si, já pertence ao discurso enquanto discurso e que produz a sua efetivação na obra estruturada. “Mas isso não é tudo: a tríade discurso-obra-escrita ainda não constitui senão o tripé que suporta a problemática decisiva, a do projeto de um mundo, que eu chamo de o mundo da obra, e onde vejo o centro de gravidade da questão hermenêutica” (RICOEUR, 1990, p. 45).

2.4 O Itinerário Mimético da Construção do Texto

A operacionalização de um processo da pesquisa desse modo, pode se dar conforme ilustrado na Figura 5, baseando-se, numa perspectiva hermenêutica, com os processos de mimese (RICOEUR, 1994), com a compreensão entre construção e interpretação (FLICK, 2009) e as etapas da narrativa (CREWELL, 2007b) para formação do itinerário de uma pesquisa e alcance de uma compreensão e atribuição de significado das práticas organizacionais estudadas.

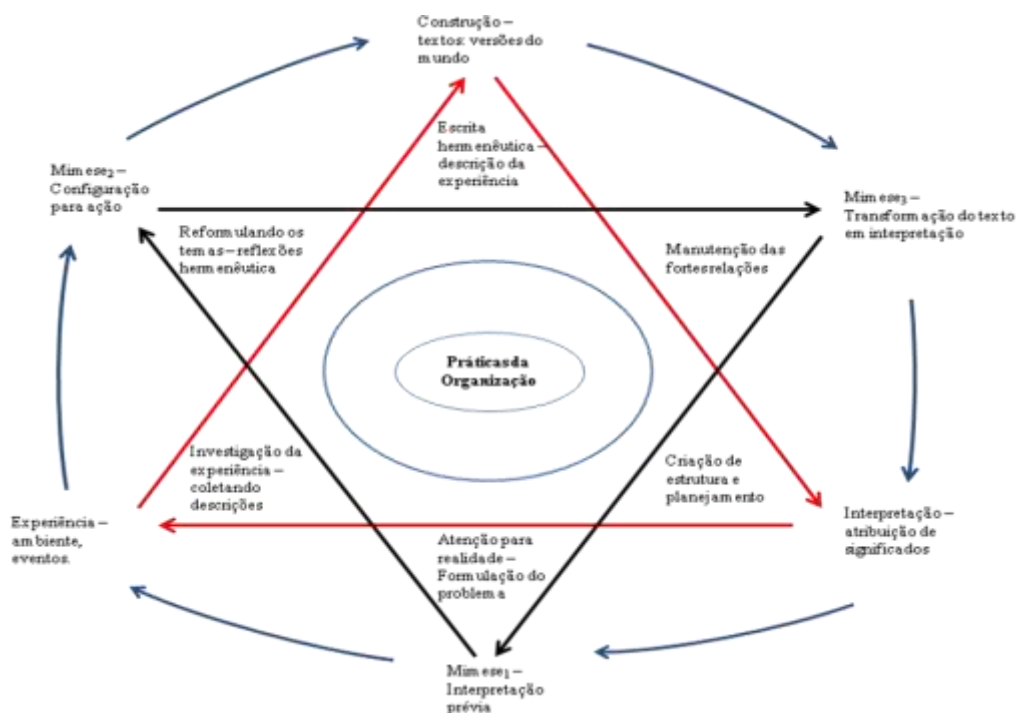


Figura 5 – Proposição de um Itinerário de Pesquisa.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O conjunto de setas vermelhas que compõe o triângulo foi proposto por Flick (2009, p. 86) baseado principalmente nas ideias de Schultz de que o conhecimento científico e as apresentações de interrelações incluem diferentes processos de construção da realidade. “Nessas construções, as relações pressupostas são traduzidas: a experiência cotidiana é traduzida em conhecimento por aqueles que estão sendo estudados, enquanto os relatos dessas experiências ou eventos e atividades são traduzidos em textos pelos pesquisadores” (FLICK, 2009, p. 86). A sua articulação com os demais componentes da figura ajuda configurar uma melhor compreensão do fenômeno por meio da construção do texto.

O conjunto de setas pretas que compõe o outro triângulo representa a contribuição da mimese no desenvolvimento da pesquisa. O processo de compreensão na construção do texto é percebido por Ricoeur como um processo ativo de produção da realidade que envolve não apenas o autor dos textos, mas também a pessoa a quem eles são escritos e que os lê. Nesse sentido, as interpretações cotidianas e científicas são sempre baseadas em uma concepção prévia da atividade humana e dos eventos sociais e naturais, o que pode ser denominado de mimese₁. Já a transformação mimética no “processamento” de experiências de ambientes sociais ou naturais em textos, deve ser entendida como um processo de construção, que pode ser dito como a mimese₂, entendida como a configuração da ação. Na terceira fase, a transformação mimética de textos em compreensão ocorre por meio de processos de interpretação, chamado de mimese₃. Essa fase assinala a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do leitor (FLICK, 2009, p. 87).

As setas azuis exteriores indicam o movimento do processo de pesquisa e o sentido do envolvimento que vai continuamente interrelacionando suas etapas. Da mesma forma, elas indicam o sentido do movimento das etapas narrativas e contribuem sobremaneira para assegurar a construção do processo hermenêutico de compreensão da organização. O movimento proporcionado pelo processo delineado na Figura 5 contribui para assegurar que a

compreensão integre a construção e interpretação dos textos apresentados, já que cada parte interna da figura composta pelo processo prático narrativo contribui para a integração de seus lados externos, interligando o processo de compreensão e o processo de mimese.

3 II Momento

O segundo momento dessa discussão metodológica procura discutir a segunda pergunta inicial: como uma interpretação da prática organizacional pode ser construída a partir da construção de texto no processo mimético proposto por Ricoeur? E propor uma representação do processo de decodificação da pesquisa, considerando a perspectiva mimética ricoeuriana.

3.1 Da Interpretação à Compreensão

Para que esse itinerário faça sentido, é necessário criar condições favoráveis para o processo de compreensão que vai, continuamente, configurando a formação dos textos. “Não há compreensão em si mesma que não seja mediada por signos, símbolos e textos” (RICOEUR, 2000, p. 203, tradução nossa). O processo de codificação dos discursos contidos nos textos e narrativas da pesquisa deve “[...] partir do signo, unidade fundamental da língua, até a frase, unidade fundamental do discurso” (RICOEUR, *apud* PEGINO, 2009, p. 4). Esse modo de codificação é possível pois, “se o ‘signo’ [...] é a unidade de base da língua, a ‘frase’ é a unidade de base do discurso. É a [...] frase que suporta a dialética do evento e do sentido, de onde parte nossa teoria do texto” (RICOEUR, 1990, p. 46).

A compreensão coincide, em última análise, à interpretação aplicada a estes termos mediadores. [...] Mediação por meio dos signos: com eles se afirma a condição originalmente linguística de toda experiência humana [...]. E como a palavra se estende antes de ser pronunciada; o caminho mais curto entre eu e eu mesmo é a palavra do outro, que me faz percorrer os espaços abertos pelos signos. [...] Mediação por meio dos símbolos: [...] entendo as expressões com duplo sentido que as culturas tradicionais têm incorporado a denominação dos ‘elementos’ dos cosmos (fogo, água, vento, terra, etc.), de suas ‘dimensões’ (altura, profundidade, etc.) e de seus ‘aspectos’ (luz, trevas, etc.). [...] A última mediação é por meio do texto. Em primeiro lugar, identificando-o enquanto frase e, posteriormente, ao caracteriza-lo como uma composição de conjuntos de frases, evidenciados em uma história, poema ou ensaio (Ricoeur, 2000, p. 203-205, tradução nossa).

O processo de codificação da pesquisa nessa perspectiva deve partir, assim, da unidade fundamental: o signo. “[...] o estudo dos signos ajuda a despsicologizar a interpretação, que, por sua vez, liga o sistema de sinais à vida, abrindo-o à transcendência, de modo que compreensão e explicação não são estranhos. Vida e ciência podem coabitar sem se confundir” (ALBERTINI, 2005, p. 43).

Um conjunto de signos, todavia, não representam uma frase. Por isso, no processo de codificação da pesquisa, devem ser identificados os símbolos, que diferentes dos signos, estão contextualizados em um meio, já vindos carregados de significados mesmo antes da realização de um evento específico, o que constituirá a frase. O símbolo já é, mesmo antes da frase, “[...] a um só turno, discurso e narrativa” (PEGINO, 2009, p. 7). Para Pereira (2003), compreender os símbolos é dirigir-se ao ponto de partida. De fato, a meditação sobre símbolos parte da linguagem que já aconteceu e onde tudo foi de algum modo dito. Por isso, a primeira tarefa da reflexão sobre os símbolos é recordar-se a partir do meio da palavra plena para começar.

A frase, por sua vez, é a unidade fundamental do discurso (RICOEUR, 2006). Ela é, conforme dito por Pegino (2009, p. 2),

[...] um evento que se guia por um dado universo simbólico virtual e ganha um caráter de universalidade graças ao seu conteúdo proposicional. O ato de dizer algo, ou seja, a intencionalidade de significar leva, entretanto e forçosamente, à segunda implicação, ou seja, a de que existe uma relação dialética entre a explicação e a compreensão. O conteúdo proposicional da frase concede ao discurso seu status de objeto, enquanto essa relação dialética entre explicação e compreensão concede à hermenêutica seu status ontológico.

A frase ainda para Pegino (2009, p. 6) “permite a identificação daquilo que é dito e sobre o que se fala. A referência é uma referência à realidade e uma referência ao locutor, diz respeito ao mundo e diz respeito ao mundo particular do sujeito que fala”. A figura 6 ilustra como esse processo de codificação pode ser realizado.



Figura 6 – Procedimento de Codificação da Pesquisa

Fonte: Elaborado pelo autor baseado em Ricoeur (1990, 2000, 2006) e Pegino (2009).

De modo geral, esse processo de codificação por meio da análise ricoeuriana pode ajudar a ver que o discurso compreendido pelo texto, conforme analisou Pegino (2009, p. 4), “não tem valor de objeto, ou seja, não é um elemento mediador e revelador da interpretação que o sujeito faz de si e do mundo, mas sim um elemento portador, um receptáculo de manifestações empíricas de uma dada estrutura sistêmica”. Assim, “os discursos e as interpretações que compõem a narrativa de uma dada organização continuam sendo eventos evanescentes e contingenciais, apenas as estruturas profundas que os animam são universais e passíveis de investigações científicas” (PEGINO, 2009, p. 4).

4 III Momento

A última questão: como as técnicas usuais de pesquisa qualitativa podem encaixar nessa perspectiva ricoeuriana? Apresenta-se uma proposição de como as técnicas de coletas de dados como entrevistas, análises de documentos e observações podem ser consideradas nesse itinerário de pesquisa.

4.1 O Ciclo Mimético de Tratamento dos Dados

As técnicas de coletas de dados geralmente possibilitam resgatar as experiências vivenciadas pelos envolvidos nas práticas da organização, ao mesmo tempo em que permitem apresentar e analisar as informações presentes nas experiências e nos discursos organizacionais. Por meio das técnicas os discursos tornam-se acontecimentos, pois como disse Ricoeur “o discurso é o acontecimento da linguagem” (RICOEUR, 2006, p. 23) e “se todo discurso é atualizado como acontecimento, todo discurso é compreendido como sentido” (RICOEUR, 2006, p. 26).

As entrevistas, por exemplo, possibilitam revelar a história da organização e como as formações estruturais e práticas organizacionais ocorrem. No estudo da narrativa, os indivíduos contam a história e desenvolve a cronologia da suas experiências na organização, incluindo desde sua perspectiva pessoal, social e o contexto, ressaltando os temas importantes das suas experiências vividas (CRESWELL, 2007b). As entrevistas permitem também que seja identificada a prática da organização, já que na narrativa é possível esperar que “[...] os processos factuais tornem-se evidentes, revelando como algo de fato é” (FLICK, 2009, p. 169).

Outra técnica relevante nas pesquisas qualitativa, a observação, ela permite também verificar as práticas, rotinas, técnicas, materiais, forma de organização e demais aspectos essenciais que contribuem para a interpretação da linguagem, do discurso e da prática da organização, contribuindo para a produção do texto e conseqüentemente da compreensão da organização estudada. A observação pode ser desenvolvida tanto temporalmente: história, organização, eventos, rotina; como narrativamente: produções textuais, discursos, relatos, manuais; para obtenção de dados na realização da pesquisa.

As análises de documentos, por sua vez, sejam eles manuais, regimentos, orientações técnicas e outros materiais em textos podem ser relacionados e obtidas informações relevantes que levem às particularidades do que é trabalhado e desenvolvido na organização. Os documentos contribuem na pesquisa na medida em que “[...] são meios para a construção de uma versão específica de um evento ou processo” ou até mesmo “para decifrar um caso específico de uma história de vida [...]” (FLICK, 2009, p. 236).

Nesse itinerário de pesquisa delineado, essas técnicas de coletas de dados são relevantes, mas acima de tudo, sua forma de coleta e condução da análise, se tornam imperativos. Dessa forma é necessário que seja desenvolvida análise a partir dos ciclos miméticos anteriormente concebidos. Devendo alguns passos serem considerados, vale citar alguns:

- ✓ Organização e preparação dos dados para análise;
- ✓ Leitura das informações e reflexão sobre seu sentido no contexto da pesquisa;
- ✓ Realização da análise detalhada com um processo de codificação dos dados;
- ✓ Uso do processo de codificação para gerar descrição das categorias de análise;
- ✓ Previsão de como a descrição e os temas serão representados na narrativa qualitativa;
- ✓ Identificação dos significados dos dados e representação na forma de texto (CRESWELL, 2007a).

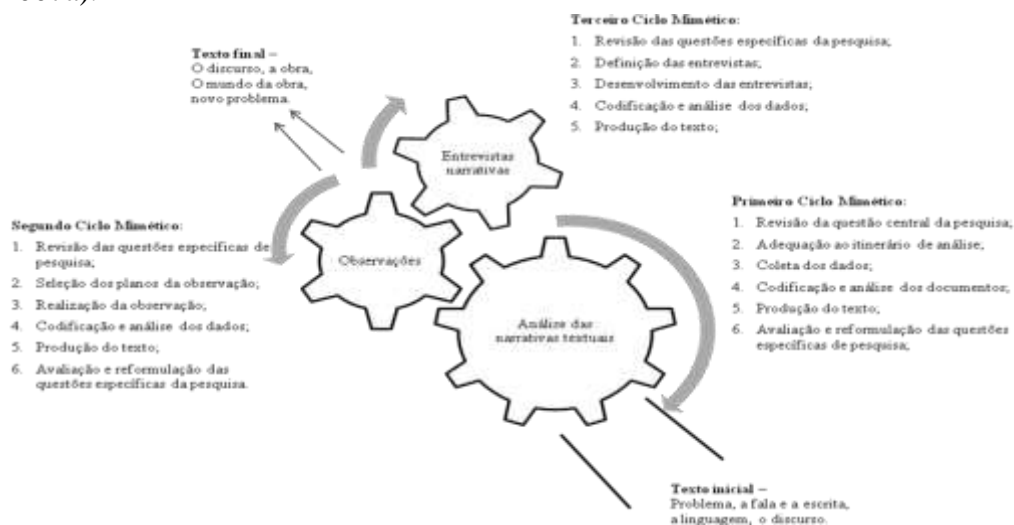


Figura 7 – Plano de Análise dos Dados.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A Figura 7 ilustra como um plano de interpretação da coleta de dados da pesquisa pode ser desenvolvido, considerando a forma dos dados, a profundidade na construção do texto e as proposições gerais da análise narrativa na perspectiva ricoeuriana.

Percebe-se nesse plano que o processo da mimese permitirá uma continuidade interpretativa na pesquisa, envolvendo refletir continuamente sobre os dados, fazer perguntas analíticas e redigir os textos sequenciais que resultarão no texto final e na revelação do “mundo da obra”, conforme proposto por Ricoeur.

5 Conclusão

A presente proposta metodológica não pretende ser um delineamento a ser seguido, mas uma perspectiva a ser considerada nas pesquisas organizacionais. Pois como disse Ricoeur (2000, p. 194, tradução nossa), “de um modo ou de outro, todos os sistemas simbólicos contribuem para configurar a realidade”, e a interpretação desses símbolos leva ao conhecimento, mesmo que de forma indireta, da existência da organização, pois “o texto é interpretado para compreender a existência que o próprio texto expressa e fixa” (FONSECA, 2009, p. 7).

Faz-se necessário, portanto, que esse delineamento seja testado empiricamente para verificar sua adequação numa realidade prática de pesquisa. Além do mais é necessário discutir mais apropriadamente como se dão os aspectos ontológicos, epistemológicos, metodológicos e como suas implicações podem ser consideradas nas pesquisas que discutem a prática organizacional.

Ontologicamente é necessário aprofundar em como o mundo objetivo, sua existência e as formas de compreensão se dão e as significações acontecem a partir das ideias ricoeurianas. Epistemologicamente é necessário entender melhor como se dá a objetivação do texto, suas diferentes formas de construção e como dialeticamente são tratados aspectos como explicação e compreensão no bojo do seu conteúdo. No plano metodológico, por sua vez, é necessário aprofundar as discussões sobre as distinções entre a semântica e a semiótica, e discutir desde as unidades mais simples da linguagem (o signo e a frase) até a obra como um todo.

Se as questões não suscitaram um completo delineamento de uma pesquisa, pelo menos provocou a possibilidade de considerar com mais atenção a hermenêutica e, sobretudo, a hermenêutica de Ricoeur, fazendo do texto e sua construção, um processo de instrumentalização das narrativas organizacionais.

6 Referências

ALBERGARIA, M. S. **Paul Ricoeur e a dupla mediação prática da temporalidade**. Covilhã: Lusofia Press, 2009.

ALBERTINI, R. Z. **Subjetividade e alteridade na “hermenêutica do si” de Paul Ricoeur: uma abordagem ética**. 124 p. (Monografia) – Curso de Filosofia, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2005.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological Paradigms and Organizational Analysis**. London, UK: Heinemann, 1979.

CAMARA, G. D.; LOVISON, A. M. Validade e reflexividade na pesquisa qualitativa em organizações. Recife: **I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**. Nov, 2007. pp. 1-7.

- CARVALHO, C. A. A tríplice mimese de Paul Ricoeur como fundamento para o processo de mediação jornalística. **XIX Encontro da Compós**. Rio de Janeiro: PUC-Rio. Jun, 2010. pp. 1-13.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2007a.
- CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2007b.
- CZARNIAWSKA, B. **A narrative approach to organization studies**. London: Sage Publications, 1998.
- _____. **A theory of organizing**. Edward Elgar Publishing: Chettenham, UK, 2008.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Bookman/Artmed: Porto Alegre, 2009.
- FONSECA, M. J. M. Introdução à hermenêutica de Paul Ricoeur. Revista do Instituto Politécnico de Viseu: **Millenium**, n. 36. Mai, 2009. pp. 1-49.
- FRIGG, R.; HUNTER, M. C. Eds. Beyond mimesis and convention: representation in art and science. Boston Studies in the Philosophy of Science: Springer, 2010.
- HATCH, M. J.; YANOW, D. Organization theory as an interpretative science. In: TSOUKAS, H.; KNUDSEN, C. Orgs. **The Oxford Handbook of Organization Theory: meta-theoretical perspectives**. 2. ed. Nova York: Oxford, 2005. pp. 63-87.
- MISOCZKY, M. C.; IMASATO, T. Narrativas e histórias nos estudos organizacionais: um diálogo sobre referências e práticas. Belo Horizonte: **E & G Economia e Gestão**, v. 5, n. 11. Dez, 2005. pp. 77-96.
- PAIVA Jr., F. G.; LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em Administração. Recife: **I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**. Nov, 2007. pp. 1-7.
- PEGINO, P. M. F. reflexões sobre as possibilidades teórico-metodológicas da hermenêutica ricoeuriana para o estudo do discurso como objeto dos estudos organizacionais. **XXXIII Encontro da ANPAD**. São Paulo, 2009. pp. 1-15.
- PEREIRA, M. B. A hermenêutica da condição humana de Paul Ricoeur. **Revista de Filosofia de Coimbra**, n. 24, 2003. pp. 235-277.
- RICOEUR, P. **Interpretação e ideologia**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.
- _____. **Tempo e narrativa**. (Vol. 1). Campinas: Papyrus, 1994.
- _____. Narratividade, fenomenología y hermenêutica. **Anàlisi**, n. 25, 2000. pp. 189-207.
- _____. **Del texto a la acción**. México: FCE, 2004a.
- _____. **The rule of metaphor: the creation of meaning in language**. London: Routledge, 2004b.
- _____. **Teoría de la interpretación: discurso y excedente de sentido**. 6. ed. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 2006.
- TAVARES, M. Fundamentos metodológicos do pensamento antropológico e ético de Paul Ricoeur: o problema do mal. **Memorandum**, n. 10, 2006. pp. 136-146.